

**O CRÉDITO COMO MOTOR DA SOCIEDADE CAPITALISTA:
UMA PERSPECTIVA MARXISTA**

Luiz José de Almeida Filho¹ (UFCG)

luizinho_lja@hotmail.com

RESUMO

A ciência econômica exhibe em seus inúmeros paradigmas estudos sobre a origem e evolução do dinheiro e seus derivados enquanto instrumento meio de troca. O presente trabalho pretende estudar a contribuição da teoria marxista, para o entendimento da gênese do dinheiro e sua evolução para o crédito, como motores da produção e circulação de mercadorias, no contexto do capitalismo. Assim, procuraremos contextualizar o processo de circulação das mercadorias e sua generalização a partir da evolução da forma de organização social de produção capitalista, investigar sobre a gênese e natureza do dinheiro até chegar ao estudo do crédito no ciclo do capital. Para isto, buscamos o embasamento teórico em dois conhecidos estudiosos da ciência econômica: Karl Marx e Rudolf Hilferding, o que não nos impediu de contar com a interpretação de outros autores sobre o tema. A partir de leituras orientadas e discussões subsequentes percebeu-se que o crédito é desde que iniciou sua incursão na sociedade capitalista um dos seus motores, pois o crédito é um resultado direto e perspicaz do desenvolvimento do capital e hoje seria não apenas uma consequência, mas sim uma das premissas para a existência do capitalismo, pois assim como o crédito pode potencializar o crescimento econômico, seu uso desmedido pode vir a provocar a crise de superprodução típica do sistema capitalista. Por outro lado, a ausência deste instrumento que propicia uma ampliação no ritmo das metamorfoses das mercadorias realizando-as sem o contraponto imediato do dinheiro, pode impor obstáculos ao circuito do capital provocando a retração da economia, o que pode ser entendida como um dos reflexos da crise sistêmica de produção. Logo, pode-se compreender que o crédito faz parte do referencial para o entendimento do funcionamento da economia capitalista na atualidade, visto que ele é um dos maiores

¹ Integrante do PET-Economia da UFCG, cursando o quinto período do bacharelado em Ciências Econômicas da Universidade Federal de Campina Grande.

responsáveis pelo avanço do capitalismo, embora potencialize o germe da crise de superprodução típica desse tipo de sociedade.

Palavras – Chave: Dinheiro, Crédito, Capital.

1. INTRODUÇÃO

Em meio à dominação do capitalismo sobre a economia mundial, às vezes nos perguntamos os meios pelo qual tal sistema chegou a tão alto grau, ao ponto, de se uma nação poderosa sofrer problemas econômicos isto repercutir sobre a economia mundial. Porém, para responder a esta pergunta necessitamos de uma base teórica profunda, buscando conhecer os principais alicerces dessa forma de organização social. Para tanto o estudo do paradigma marxista situado no âmbito da economia política permite um suporte adequado ao intento.

Considerando que o capitalismo tem como marca a produção e a circulação do valor, sob as mais variadas formas. E que o dinheiro e o crédito se constituem em mecanismos imprescindíveis ao movimento do capital o presente artigo resultou de uma revisão bibliográfica sobre tais elementos.

Em sua obra: O Capital Financeiro, Rudolf Hilferding faz uma exposição extremamente detalhista sobre o assunto, indicando que a mercadoria monetária em sua evolução exerce suas funções de medida de valor, padrão geral dos valores, meio de troca, e quando chega a funcionar como meio de pagamento faz florescer o germe do crédito, que vem a modificar e tornar retrógrada toda e qualquer economia que não conceda a devida importância a esse mecanismo. Isto por que ele propicia ampliação no ritmo das metamorfoses das mercadorias realizando-as sem o contraponto imediato do dinheiro. Afastando no tempo e no espaço as operações de troca.

Logo, o crédito pode ser considerado como um dos maiores responsáveis pelo avanço do capitalismo, embora potencialize o germe da crise de superprodução típica desse tipo de sociedade.

2. DINHEIRO E MOEDA: ORIGEM E ESSÊNCIA

O dinheiro é entendido, de acordo com a teoria marxista como uma mercadoria que assume funções especiais no processo de troca. Sua expressão mais comum é a moeda que somente se realiza na circulação, quando propicia a realização do valor embutido nas mercadorias. Isto por que é através da permuta de mercadorias que a moeda reflete o valor daquelas envolvidas facilitando o processo: M-D-M, e, concretizando o ato de compra e venda, satisfazendo deste modo as necessidades individuais e/ou sociais, dos consumidores efetivos presentes na economia.

O objeto que assume a forma de ser dinheiro constitui a expressão direta de valor dentro da relação M-D-M, no entanto, ao medir o valor das mercadorias, permite sua permuta e esta se dá pela metamorfose do valor de uso em valor de troca e vice-versa.

Historicamente indica-se o escambo como primeira forma de troca. Baseado na utilidade dos objetos e nas necessidades humanas esta relação de troca era fortuita e casual, constituindo-se, portanto em uma forma elementar de comércio. A expressão da forma de valor de troca exigiu um maior refinamento em busca de um objeto que pudesse desempenhar de forma menos complexa a função de dinheiro. O ouro e a prata (metais preciosos) foram citados por Marx como os elementos que melhor se prestaram ao desempenho dessa função. Contudo processos escusos de subtração do metal precioso às moedas originais foram distanciando o valor que expressavam, do seu peso em ouro ou prata. Iniciava-se a partir daí o processo de formação da moeda enquanto símbolo do valor. Essa é base histórica do dinheiro como o conhecemos.

Como símbolo de valor o dinheiro apresenta-se como moeda e, numa economia monetarizada torna-se extremamente necessário, como meio para aquisição de todas as demais mercadorias, uma vez que é a forma socialmente válida de mensuração do valor e conseqüentemente de meio de troca. Assim é através dessa mercadoria especial ou de seu símbolo que se efetivam a circulação das mercadorias específicas, imprescindível à produção das demais mercadorias.

3. CRÉDITO – Funções e Resultados

Como supracitado o dinheiro como medida geral dos Valores tornou-se com o tempo e com o seu desenvolvimento uma exigibilidade para a realização do processo de

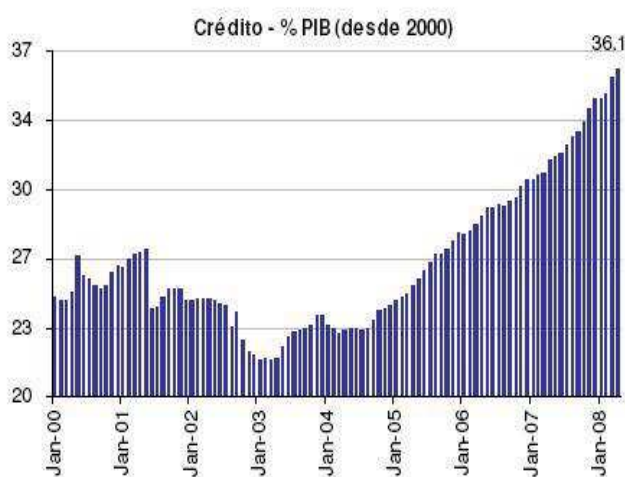
circulação M-D-M, desde que o dinheiro seja entendido como uma relação social expressa em objeto. Entretanto com a evolução do processo de produção se fez necessário um aumento da disponibilidade de dinheiro para a continuidade do processo de produção capitalista.

Considerando que a rotação do capital exige para sua consecução a conclusão dos tempos de produção e circulação e, que estes nem sempre ocorrem sem que haja dificuldades, uma vez que estes processos estão entrelaçados, mas, ao mesmo tempo, dependendo de fatores extremamente diferentes, soluções de continuidade do processo ininterrupto da produção do valor exigiram a evolução da função meio de troca do dinheiro para a função meio de pagamento e desta para o mecanismo do crédito propriamente dito.

Tem-se aí a transfiguração dos agentes no circuito M – D - M, de vendedor em credor e de comprador em devedor. Sendo assim, o processo D – M – D do credor, só poderá se completar após o pagamento da parte creditada D pelo devedor, portanto, a função do dinheiro creditado como meio de pagamento pressupõe um acordo recíproco, entre o comprador e o vendedor quanto ao prazo de pagamento.

A importância do crédito reside no fato de tornar a circulação independente dos limites estabelecidos pela quantidade de dinheiro (moeda) existente, pois quanto mais próximos uns dos outros forem os prazos de pagamento, com maior frequência pode ser empregada consecutivamente a mesma moeda, ou seja, quanto mais próxima a compra do prazo de pagamento melhor será para a circulação das mercadorias, visto que a quantidade de moeda fiduciária é limitada pelo volume da produção e da circulação.

A existência do crédito não altera, de forma alguma, o fato de o capital ter de assumir a forma de dinheiro para ser capaz de comprar a mercadoria, pois, como os

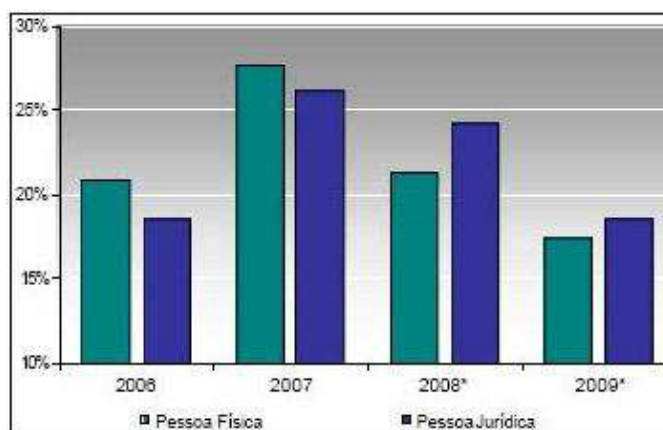


pagamentos se compensam, o crédito apenas diminui a quantidade de dinheiro metálico que, de outro modo, será necessária para a troca. Atualmente com o nível alcançado

pelo capitalismo, não é difícil deduzir a importância assumida pelo crédito, podendo ser visto como um dos condicionantes para o crescimento da atividade econômica, pois, os ciclos de crédito normalmente acompanham os ciclos econômicos e quando a economia se expande, a liquidez se torna abundante e cria condições para maior expansão do crédito. O crescimento deste mecanismo leva ao crescimento da atividade econômica, que, exige o uso do crédito tanto por parte do produtor consumidor produtivo, quanto do consumidor improdutivo.

Tal assertiva pode ser visualizada no gráfico - 1 ao lado, que demonstra a ascensão do crédito, em um período de prosperidade econômica no Brasil.

Entretanto quando a atividade econômica se contrai, há uma retração no crédito (privado) que reforça esse movimento. Como se pode anotar no gráfico - 2 abaixo, onde, após um período de prosperidade - 2006 a 2007 - se tem um período de retração, dado a partir de 2008, onde estoura a mais nova crise do sistema capitalista.



* Dados deflacionados IPCA - realizado até Jul/08

Fonte: Banco Central (Projeções *Tendências*)

De forma alguma não se pode negar a importância do crédito para o crescimento econômico. Contudo é importante ressaltar que é o crescimento econômico, muitas vezes derivados da utilização desmedida do crédito, em bases capitalistas que conduzem

as economias a estrangulamentos críticos, conhecidos na literatura marxista como crises sistêmicas de superprodução.

Alguns economistas indicam que os ciclos de crédito são os principais responsáveis pelos ciclos econômicos. Há evidências de que crises econômicas de origem financeira, como a atual, são mais longas e profundas do que as demais, justamente porque o canal do crédito (privado) é interrompido, formando o círculo de causa e efeito negativo sobre a economia, dado que o custo elevado de financiamento acaba por afetar e reduzir a geração de novos créditos.

Diversos fatores afetam a oferta de crédito, principalmente as incertezas quanto à evolução da inadimplência, dado que esta faz com que os bancos tomem uma posição mais defensiva com relação a novos empréstimos. Visto que, após picos de crescimento do crédito, a taxa de inadimplência tende a aumentar. Logo o caráter cíclico do crédito traz consigo, períodos de desaceleração e/ ou recessão, e com isso as condições de pagamento tornam-se menos favoráveis e as condições de crédito são reduzidas.

Portanto, com base na análise feita por Hilferding, pode-se afirmar que o crédito é uma consequência direta e perspicaz do desenvolvimento do capital e hoje seria não apenas uma consequência, mas sim uma das premissas para a sua existência, pois assim como o crédito pode potencializar o crescimento econômico, seu uso desmedido pode provocar a crise de superprodução típica do capitalismo. Contudo, a falta dele pode obstacular o circuito do capital provocando retração da economia, o que se entende como um dos reflexos da crise sistêmica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo referente ao desenvolvimento da mercadoria até assumir a função de ser dinheiro, passando pelas suas diversas formas até chegar ao instrumento que viabiliza o crédito é encontrado, detalhadamente, na obra de Hilferding, Rudolf: O Capital Financeiro, que enfatiza os condicionantes históricos para a evolução do capitalismo como forma de organização social de produção dominante.

A partir do entendimento obtido neste estudo é possível perceber a dependência do capitalismo aos mecanismos creditícios, como elementos indispensáveis a sua evolução sob as leis que lhes são próprias, a exemplo da reprodução ampliada do capital. Nesse sentido, é possível entender a importância do crédito ao produtor, enquanto elemento determinante do consumo produtivo, bem como a função do crédito ao consumidor, imprescindível à realização das mercadorias produzidas em larga escala, em um ambiente em que a massa dos consumidores solventes se reduz, como resultado das próprias leis do capital.

É possível ainda entender o mecanismo do crédito potencializando o antagonismo presente na mercadoria e no âmbito da economia monetarizada, portanto contribuindo para o desenvolver periódico das crises sistêmicas do capital.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HUBERMAN, Leo (1936). *A História da Riqueza do Homem*. LTC, Nova York 21^o Edição.

HILFERDING, Rudolf. (1985) *O Capital Financeiro*. São Paulo: Nova Cultural.

MARX, Karl. (1980) *O Capital – Crítica da Economia Política*. Livro I, vol. 1 e Livro III vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.